

INTERVENÇÕES DISCIPLINARES: OS EFEITOS DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Pesquisa realizada no âmbito da disciplina de Psicologia Escolar

2008

Bruno Ribeiro Apollonio
Camila André de Souza
Jacqueline Pereira Bezerra
Julio Rafael da Silva
Marcelo Padilha Julio

Alunos do 4º semestre de Psicologia da Universidade Paulista
(Unip, Campus Chácara Santo Antônio, São Paulo, Brasil)

Contacto:
jrafaelrcc@gmail.com

Orientação:
Prof.^a Doutora Mônica Cintrão

RESUMO

O presente trabalho busca identificar conceituações sobre o que é considerado indisciplina em sala de aula, assim como as intervenções realizadas pelos professores junto às crianças envolvendo ou não, pais, coordenação e diretoria escolar. A pesquisa se desenvolveu com cinco professores do 6º ano do ensino fundamental, de duas escolas estaduais, da periferia da cidade de São Paulo. Os dados obtidos foram analisados com base no pensamento de Piaget e Vygotsky buscando verificar as conseqüências das estratégias utilizadas no desenvolvimento psicossocial dos alunos.

Palavras-chave: Indisciplina, professor, aluno, Vygotsky e Piaget

PROBLEMA DE PESQUISA

Em que os professores do 6º ano do ensino fundamental de escolas públicas se baseiam em sua atuação em sala de aula no que diz respeito a alunos indisciplinados?

OBJETIVOS

Investigar quais as estratégias dos professores em relação à indisciplina e suas possíveis consequências no desenvolvimento psicossocial dos alunos.

JUSTIFICATIVA

- Relevância Social

Verificando nesta amostra de professores, qual a metodologia de trabalho utilizada para lidar com os problemas de indisciplina na sala de aula e as consequências destas ações, podemos apontar aspectos na formação dos professores que têm sido aplicados de maneira positiva e alguma defasagem que pode trazer prejuízos aos alunos nas suas relações sociais dentro e fora da escola.

- Relevância Científica

Para a psicologia é importante produzir conhecimento sobre a relação professor-aluno para que o psicólogo escolar tenha mais parâmetros para uma possível intervenção nos problemas referentes a esta relação. Deixando de focar apenas aspectos individuais, centralizando as dificuldades no aluno e passando a partir daí a também atentar para as demais situações envolvidas na questão disciplinar.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A disciplina na escola é uma questão discutida de forma direta ou indireta por pais, alunos, professores e diretores. É comum no cotidiano nos depararmos com notícias nos meios de comunicação envolvendo agressões físicas e morais entre alunos, agressões do aluno ao professor e vice-versa.

Este problema escolar tem sido o objeto de estudo de diversos pesquisadores (Aquino, 1996; Bernard, 2002; Araújo & Pérez, 2006), que apontam os problemas que podem surgir de uma prática disciplinar excessivamente rígida e as também prejudiciais consequências de uma disciplina permissiva (Aquino, 1996).

Em pesquisa realizada por Silva & Neves (2006), com alunos de duas turmas do 6ºano de escolaridade, tendo como objetivo entender a indisciplina na sala de aula, podemos encontrar casos de alunos que encontram formas de lidar com a rigidez do professor, tomando domínio da situação, como por exemplo, comportar-se de forma a chamar a atenção dos outros alunos para si, perturbando o andamento da aula, ou manter-se em grupo já que dessa forma o aluno consegue aumentar o que as autoras denominam “poder informal” sobre o professor.

Piaget (1980), afirma que o ato de banditismo pode até mesmo ser considerado entre as partes como lícito em casos onde todo o grupo entre em consenso e estabeleça este ato anteriormente considerado como amoral como algo aprovado pela consciência comum.

Precisamos considerar também que a indisciplina não é algo genérico, de acordo com Souza (2004), “(...) algo é indisciplina para alguém, portanto o conceito varia conforme a exigência de cada um (...)”. Muitas vezes, inclusive as expectativas do professor em relação ao aluno estão muito além do que ele pode cumprir de maneira sadia. É necessário que o professor não se exclua da relação, mas que possa ver a si próprio e o aluno como constitutivos um do outro, que só podem ser entendidos neste vínculo (Galdini e Aguiar, 2003).

São várias as questões que interferem nos problemas que encontramos na escola:

“O encadeamento reprovação/repetência/evasão e outros aspectos da baixa qualidade de ensino são problemas crônicos hoje nas escolas brasileiras, decorrentes de outros problemas relativos às condições de trabalho existentes e às condições para o trabalho apresentado pelos agentes.” (Marin, 1998).

Para compreendermos melhor o fenômeno que nos propomos a discutir no presente trabalho, um aspecto importante a ser refletido é como as crianças constroem a noção de regra, cooperação e respeito mútuo. Questão que Piaget na sua psicogênese se preocupa em responder. Definindo três estágios pelos quais o sujeito desenvolve o juízo moral sobre seus atos: anomia, heteronomia e autonomia (Piaget, 2006). No primeiro estágio, a criança está num estado sem regras, é um estágio onde a regra é puramente motora, a criança age de forma a realizar seus próprios desejos ou a seguir seus hábitos motores. No segundo estágio a regra é algo que não pode ser transgredido, é sagrada, imutável e unilateral, é um estado de heteronomia.

“(...) as regras que a criança aprende a respeitar, lhe são transmitidas pela maioria dos adultos, isto é, ela as recebe já elaboradas, e, quase sempre, nunca elaboradas na medida de suas necessidades e de seu interesse, mas de uma vez só e pela sucessão ininterrupta das gerações adultas anteriores.” (Piaget, 2006)

Já no terceiro estágio a regra passa a ser vista como algo que foi eleito pelo consenso de todos e pode ser modificada desde que todos concordem, ou seja, a moral se torna autônoma (Piaget, 1994).

A nossa investigação vai se ater a professores que lidam com salas de 6ºano onde se encontram, com poucas exceções, crianças com mais de 10 anos, ou seja, crianças que teoricamente estariam no terceiro estágio relatado, onde o indivíduo conquista uma autonomia moral. É neste estágio que as regras se tornam resultado de livre decisão, é algo construído e autômato, o respeito unilateral do estágio anterior é substituído pelo respeito mútuo. Aos poucos ela vai deixando de aceitar regras sem explicações (Freitas, 2002).

Somando-se ao que foi apresentado, é importante destacarmos que o entendimento da regra é um processo que faz parte do desenvolvimento da criança e nesta construção o professor desempenha um papel essencial, ponto ressaltado por Vygotsky onde a interação face a face entre indivíduos desempenha um papel fundamental na constituição do ser humano: é através da relação interpessoal concreta que o aluno vai chegar a interiorizar, pois é através dos diversos elementos do ambiente culturalmente estruturado que é fornecida a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo.(Kohl, 1993).

Para Vygotsky o processo de desenvolvimento do ser humano, marcado por sua inserção em determinado grupo cultural, se dá “de fora para dentro”. A diferença entre a capacidade de resolver sozinho um problema (nível real) e a capacidade em resolver somente com o auxílio de outro indivíduo mais experiente (nível potencial), é conhecida como ‘Zona de Desenvolvimento Proximal’. Daí a importância de interações sociais. A Zona de Desenvolvimento Proximal encontra-se sempre em mudança, pois as pessoas estão sempre em desenvolvimento.

O ensino deve objetivar sempre um nível de desenvolvimento cognitivo superior àquele que o indivíduo já alcançou, segundo Vygotsky, pois se é ensinado algo que o indivíduo já sabe ou que não é passível de compreensão (muito superior ao conhecimento adquirido), poderá gerar falta de atenção ou desinteresse.

Na teoria de Vygotsky, uma ideia central para a compreensão de suas concepções sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico é a ideia de *mediação*: enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe.

“A teoria de Vygotsky contribui para essa nova visão da criança, atribuindo importância à dimensão social, mediando assim a relação do indivíduo com o mundo. O aprendizado ocorre mediante a inserção do indivíduo em um grupo

cultural, promovendo o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (pensamento, percepção, memória, raciocínio e volição). “ (Tuleski, 2005)

Portanto, o professor exerce papel fundamental na vida do sujeito, pois o conhecimento não está sendo visto apenas como uma ação do sujeito sobre a realidade, e sim, pela mediação feita por outros sujeitos, é a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações.

“Vygotsky, teve contato com a obra de Piaget e, embora teça elogios a ela em muitos aspectos, também a critica, por considerar que Piaget não deu a devida importância à situação social e ao meio. Ambos atribuem grande importância ao organismo ativo, mas Vygotsky destaca o papel do contexto histórico e cultural nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, sendo chamado de socio-interacionista, e não apenas de interacionista como Piaget.

Piaget coloca ênfase nos aspectos estruturais e nas leis de caráter universal (de origem biológica) do desenvolvimento, enquanto Vygotsky destaca as contribuições da cultura, da interação social e a dimensão histórica do desenvolvimento mental.

Mas, ambos são construtivistas em suas concepções do desenvolvimento intelectual. Ou seja, sustentam que a inteligência é construída a partir das relações recíprocas do homem com o meio”. (ZACHARIAS, 2007).

O desenvolvimento e funcionamento das funções psicológicas superiores está fortemente ligada aos modos culturalmente construídos de ordenação do real, conforme Vygotsky. Instrumentos e símbolos construídos numa determinada esfera social definem quais das inúmeras possibilidades de funcionamento cerebral serão efetivamente concretizadas ao longo do desenvolvimento. É pela mediação que a criança vai progressivamente desenvolvendo as funções psicológicas superiores (são o resultado da estimulação auto-gerada, ou seja, signos, dentro de um contexto sócio-cultural). A construção do real parte do social e vai sendo internalizada para se tornar individual. (JOENK, 2008).

Visto isso, este estudo baseando-se numa visão piagetiana sobre a construção do juízo moral e na importância dos mediadores para o desenvolvimento humano apontado por Vygotsky, buscará analisar o discurso de professores do 6º ano do ensino fundamental, de escolas públicas na cidade de São Paulo em relação ao que fundamenta suas práticas disciplinares em sala de aula.

MÉTODO

- Natureza da Pesquisa

Pesquisa de campo qualitativa.

- Participantes

Cinco Professores do 6º ano do ensino fundamental de escolas públicas da zona sul da cidade de São Paulo.

- Instrumentos e procedimentos para obtenção de dados

Questionário (anexo)

RESULTADOS

Realizamos a pesquisa com cinco professores, três que trabalham na mesma escola e os outros dois que trabalham em outra instituição. Um dos entrevistados é do sexo masculino e as demais do sexo feminino. A idade varia de 29 a 58 anos.

Quanto à primeira pergunta que se refere ao que o professor considera como indisciplina, os comentários apontaram para:

- Conversa em sala de aula;
- Não desenvolver atividades;
- Desacato a ordens;
- Insultos e agressões, verbais ou/e físicas;
- Não levar material para sala;
- Brincadeiras durante a aula;
- Falta de respeito com professores e funcionários.

Quando indagados sobre a forma como lidam com a indisciplina, os professores nos relataram as seguintes ações:

- Conversa com aluno para que ele reflita sobre a importância da escola;

- Exigir respeito no momento da explicação;
- Chamar os pais e realizar uma reunião;
- Encaminhar para direção e coordenação;
- Conversar com a classe sobre o tema;
- Trabalhar a base de conversa e reflexão com apoio dos pais;
- Desenvolver atividades variadas e de curta duração;
- Conversa com aluno para explicar a ele os objetivos do próprio educador na sala de aula e do ensino;
- Rotina do dia;
- Explicar ao aluno os limites em sala de aula.

As respostas à questão que versava sobre os efeitos que o professor acreditava obter com sua atuação foram as seguintes:

- Acredito no trabalho da família, se o aluno não valoriza o conhecimento nada é possível para a disciplina;
- Acredito que trabalhando com conteúdos e formas que fazem parte da realidade do aluno possa ter resgatados os valores do aluno, favorecendo sua aprendizagem;
- A conversa em particular resolve, trazendo maior respeito do aluno para com o professor e maior empenho nos estudos;
- Tendo a oportunidade de distinguir sobre seus atos o aluno pode aprender a avaliar suas atitudes para sua vida cotidiana;
- Atividades diversificadas com curto prazo fazem o aluno se concentrar sem se sentir cansado, aumentando seu interesse em participar;
- Regras feitas pelo próprio aluno têm muito mais valor;
- A rotina do dia ajuda a criança a se organizar melhor.

ANÁLISE DE DADOS

Questão 1 - As respostas dos participantes relacionadas ao que é indisciplina, apresentaram 2 níveis de significância:

1.1 – Atitudes fora do contexto de sala de aula

Segundo Piaget, na fase de desenvolvimento que se encontram os alunos (operatório-concreto - por volta de 11 anos), algumas atitudes apontadas pelos professores como indisciplina, podem ser consideradas características próprias deste estágio. Conversas e brincadeiras fazem parte do progresso da socialização e até mesmo as discussões se tornam mais constantes, devido ao desaparecimento do egocentrismo infantil e a possibilidade de compreensão a respeito dos pontos de vista do outro. (Piaget, 2006). Segundo o mesmo autor, nesta mesma fase, ocorre a internalização das regras, que podem ser vistas através dos jogos coletivos, que supõem um grande e variado número de regras. A colaboração e cooperação mútua também é algo que distingue este estágio do anterior.

Neste ponto como o discurso dos educadores foi de falta de envolvimento dos alunos e falta de colaboração com as atividades propostas, muitas vezes não levando o material pedido para a sala de aula, cabe uma outra reflexão sobre os problemas que estão impedindo o interesse dos alunos.

Ao analisarmos as questões nos deparamos com a resposta “brincadeiras durante a aula”, o que nos leva a refletir sobre uma questão levantada por Souza (), na escola muitas vezes encontra-se uma cisão entre o brincar e o estudar, onde o prazer não é algo que deva ser relacionado ao estudar, uma visão que predomina em certas instituições e que acarreta um desinteresse por parte do estudante em relação ao estudar.

1.2 - Violência Simbólica ou Física

Como já apontado, como conseqüência do entendimento do “outro” como diferente do “eu”, Piaget, afirma que algumas discussões são características deste estágio, e mais, um ato muitas vezes considerado agressivo pode ser considerado pelo grupo como legítimo, quando decorrente de um ambiente extremamente rígido (Silva & Neves, 2006), pois nesta fase geralmente ocorre a transição do período onde a moral era unilateral, para o estágio onde o indivíduo passa a perceber a regra como um bem comum, sendo ele também um “agente legislador”, passando a autonomia.

Este “poder” unilateral e suas conseqüências discutiremos mais a frente ao tratarmos das estratégias utilizadas pelos professores para lidar com a indisciplina.

Questão 2 – Para lidar com a indisciplina

2.1 - De quem é a responsabilidade?

Aluno:

- Conversa com aluno para que ele reflita sobre a importância da escola;
- Exigir respeito no momento da explicação;
- Conversa com aluno para explicar a ele os objetivos do próprio educador na sala de aula e do ensino;
- Explicar ao aluno os limites em sala de aula.

Terceiros:

- Chamar os pais e realizar uma reunião;
- Encaminhar para direção e coordenação;
- Acredito no trabalho da família, se o aluno não valoriza o conhecimento nada é possível para a disciplina;

O problema esta na relação:

- Conversar com a classe sobre o tema;
- Trabalhar a base de conversa e reflexão com apoio dos pais;
- Rotina da sala;
- Desenvolver atividades variadas e de curta duração.

Para Vygotsky, o conhecimento e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores depende do meio social, da inserção do indivíduo em um grupo que potencializa ou não o aprendizado.

Em relação à questão que discutimos parece-nos haver uma tendência dos professores a procurar problematizar a questão somente como responsabilidade do aluno, dos pais ou da direção da escola. Isentando-se do seu importante papel de mediador do conhecimento, dentro desta relação em sala de aula. Todo conhecimento, inclusive o respeito às regras e seu entendimento como bem social, é progressivo. O professor atua na zona de desenvolvimento proximal do aluno, transformando o conhecimento em nível potencial em conhecimento real, através das relações que estabelece com este aluno. Ordens, descrições de regras descontextualizadas e exigências de um conhecimento muito distante daquele que o sujeito possui podem levar a um desgaste da relação, gerando fracasso de ambos na questão disciplinar.

Piaget (2006), ainda reforça esta questão, apontando que quando a regra é unilateral, ela é pautada numa moral de obediência, submissão e dominação. Desenvolvendo a noção de que as regras são eternas e não podem ser alteradas, mesmo que de comum acordo, devem seguir sempre o que “tradicionalmente” foi ensinado, ou mesmo, quando há uma violação da regra esta ocorre apenas quando o agente punitivo não está presente, evitando-se um “castigo”.

Contraopõe-se as estratégias apresentadas, alguns professores apontaram ações que de acordo com a teoria piagetiana, podem auxiliar no desenvolvimento de uma moral autônoma.

Conversar com a classe sobre o tema disciplina, firmando um acordo entre professor e aluno, levando em consideração os pontos de vistas de ambos é uma ação que está baseada no respeito mútuo. A partir desta relação a “regra é respeitada, não mais enquanto produto de uma vontade exterior, mas como resultado de acordo explícito ou tácito. É, então, este o motivo pelo qual ela é realmente respeitada.” (Piaget, 2006 p. 54). Vê-se também que o professor aqui não nega seu papel de mediador, promovendo ele, este diálogo, estreitando laços de respeito mútuo com os alunos. Desenvolver atividades diversas juntamente com uma rotina do dia, são formas de mediações que estimulam o aluno gerando interesse pela novidade, além do roteiro permitir sua organização em relação a tempo e material necessário para o desenvolvimento das atividades.

Podemos perceber que ao falar do encaminhamento para terceiros o professor esta se excluindo da relação professor-aluno, o que segundo o que dizem Galdini e Aguiar (2003), deveria ser repensado. Dentro deste contexto encontramos uma afirmação que diz acreditar no trabalho da família, se posicionando de forma a considerar que se o aluno não valoriza o conhecimento nada é possível para a disciplina. Segundo Rego (2002), o ambiente doméstico tem influencia no comportamento do sujeito, mas não é o único determinante, cabe neste contexto propiciar para o sujeito dentro da escola uma vivência diferente da que ele tem em casa, de forma a ter acesso a informações desafiadoras e novas capazes de provocar mudanças.

Observação- Percebemos que uma das respostas da questão três estava fora do tema da pergunta, mas por outro lado, em muito se relaciona com a segunda questão, assim sendo escolhemos avaliá-la junto com a questão dois ao invés de desconsidera-la. (“Acredito no trabalho da família, se o aluno não valoriza o conhecimento nada é possível para a disciplina”).

Questão 3 – Possíveis conseqüências da atuação dos professores

3.1 - Resgate de valores da realidade do aluno nas atividades favorecendo aprendizagem;

De acordo Rego (2002), é imprescindível examinar o contexto sócio-cultural do sujeito se insere, para assim promover a intervenção. Ainda segundo Tanamachi e Meira (2003), é importante que se organize os conteúdos do saber universal, mas se enfatizando o movimento de continuidade do aluno (partir daquilo que o aluno já sabe) e discussão sobre a realidade, que é identificamos em um das respostas.

3.2 - Maior respeito do aluno para com o professor;

Esta resposta demonstra traços da teoria da escola Tradicional criticada por SAVIANI (2003). Nesta argumentação fica explícita o respeito do aluno para com o professor, mas não foca um respeito mútuo, o que deixa nítida a ideia de que o professor que tem a razão, a opinião do aluno é colocado em segundo lugar. Este tipo de diálogo não deixa espaço para uma cumplicidade entre professor e aluno uma vez que as posições aparecem definidas na postura do professor perante o aluno.

3.3 - Concentração e interesse;

Segundo Vygotsky, o aprendizado ocorre mediante a promoção do desenvolvimento das funções psicológicas superiores (pensamento, percepção, memória, raciocínio e volição). (TULESKI, 2005).

Por esse motivo, as atividades devem favorecer socialização e o professor deve provocar avanços no aluno interferindo na sua Zona de Desenvolvimento Proximal sempre à resposta da criança, pois o ensino deve objetivar um nível de desenvolvimento cognitivo superior àquele que o indivíduo já alcançou, pois se é ensinado algo que o indivíduo já sabe ou que não é passível de compreensão, pode gerar falta de atenção ou desinteresse.

3.4 - Regras com mais valor;

Como explicitado acima, estratégias que levem em consideração o aluno, dando oportunidade para que este faça parte do processo de elaboração das regras, sendo firmado um “contrato” de direitos e deveres entre as duas ou mais pessoas envolvidas na relação, promove a aquisição de uma moral autônoma. Evidenciamos no discurso de uma das professoras entrevistadas a confirmação desta premissa piagetiana, ao afirmar que quando as regras são também determinadas pelos alunos estas passam a ter mais valor para eles, tendo como consequência ações de cooperação, aumentando o vínculo professor-aluno, com menos desgaste para ambas as partes.

3.5 - Tendo a oportunidade de distinguir sobre seus atos o aluno pode aprender a avaliar suas atitudes para sua vida cotidiana

Quando o professor permite e promove este tipo de relação, ajuda no processo de auto-avaliação do aluno, que aprende a necessidade de se manter boas relações, entendendo o valor social da regra e esta compreensão se estende a vida cotidiana. Desta maneira o professor não é visto apenas como o único responsável para manter a disciplina na classe, esta responsabilidade é estendida para a todos os envolvidos na relação. E a escolarização vai além da memorização de

conteúdos, mas passa pela formação de indivíduos autônomos conscientes de seu papel ativo e transformador no grupo social que está inserido.

3.6 - Possibilidade de maior organização da criança.

A criação de uma “rotina do dia” juntamente com os alunos, além de promover os aspectos discutidos acima, como cooperação e respeito mútuo, permite que a criança se organize e se prepare para a atividade que está para acontecer. De acordo com Vygotsky, o desenvolvimento e funcionamento das funções psicológicas superiores está fortemente ligada aos modos culturalmente construídos de ordenação do real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente gostaríamos de registrar o quão enriquecedor e desafiador foi a realização do trabalho. Aprendemos muito uns com os outros e com os profissionais participantes. Pudemos observar algumas das contrariedades existentes na relação professor-aluno e estratégias que carregam aspectos positivos e negativos.

Através deste trabalho confirmamos o que os teóricos apontavam, a respeito da importância do professor como mediador do conhecimento. Ele pode fazer a diferença caso tenha sensibilidade, uma formação que abarque estes aspectos do desenvolvimento moral na criança e um repertório de atividades que funcionam como facilitadores para o aprendizado, aspectos que a nosso ver, são necessários a um bom profissional.

Preocupando-nos em não somente “inverter” os papéis e culpabilizar em vez da criança, o professor, levamos em consideração que, o profissional, só poderá fazer a diferença se estiver motivado e inspirado, isto envolve toda a sua vida pessoal e suas outras relações dentro do ambiente escolar, que também reflete no trabalho individual. O psicólogo pode atuar como mediador nestas relações, proporcionando que o professor esteja pleno e encontrando meios para combater as adversidades encontradas.

Como o papel da escola não é formar apenas sujeitos capazes de “armazenar” grande quantidade de conceitos, mas sim, através da aquisição de conhecimentos, formar cidadãos conscientes e sujeitos críticos, acreditamos que para uma melhor ação disciplinar do professor em sala de aula é imprescindível que haja o diálogo entre as partes envolvidas na relação, onde o aluno seja ouvido e levado em consideração. As regras, os limites e as sanções sendo realizadas de comum acordo, possibilitam o desenvolvimento da autonomia moral formando sujeitos ativos, questionadores e “legisladores” que compreendem as regras como um bem social.

Um outro ponto, seria uma reflexão sobre as características destas fases do desenvolvimento, procurando aproveitar delas para planejar novas estratégias de ensino, como jogos, a diversificação de atividades e trabalhos visando o coletivo.

Analisando os dados, ainda foi possível perceber que, uma das escolas não tinha estratégia definida de como lidar com os alunos com problemas de indisciplina, era nítido pelas respostas no questionário que cada professor agia de uma forma. Esta postura pode gerar o que comumente vemos nas escolas: alunos que em determinadas aulas se comportam de maneira agradável aos demais colegas e ao professor e que em outras se comporta de forma avessa, gerando as queixas já apontadas.

A outra escola mostrava uma congruência entre as estratégias utilizadas pelos professores, porém com pouco foco na relação professor-aluno, mantinha uma visão unidirecional em direção aos alunos indisciplinados.

Criticamos a isenção completa do aluno das responsabilidades em sala de aula. Concordamos que uma rotularização dos alunos como problemáticos, também em nada auxilia, porém é necessário reconhecer limites do papel do professor e da escola em geral. Principalmente em casos como nos dias atuais, por exemplo, alunos que vão armados à escola e ameaçam o professor de morte. Sendo assim, em casos mais drásticos defendemos ser necessário serem tomadas as medidas legais cabíveis e a atuação do psicólogo precisará buscar outros contornos.

Por fim percebemos a importância do psicólogo para fazer estas mediações entre professores, escola, aluno e pais. E que somente quando todos estiverem focados no mesmo objetivo, que é o desenvolvimento dos alunos, o fator primordial da existência da escola, somente assim poderemos ter escolas e professores melhores, com ensino de qualidade e fazendo de nossas crianças cidadãos que podem fazer a diferença neste Brasil objetivando um futuro melhor.

ANEXO

Nome ou Iniciais do nome: _____

Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Formado no ano: _____

Exerço a profissão desde: _____

Questionário

1. O que você considera como indisciplina sala de aula?

2. Como você lida com esta questão?

3. Quais efeitos você acredita ter este tipo de intervenção na aprendizagem e na formação dos alunos?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Wanda M. J.; GALDINI, Veruska. Intervenção junto a professores da rede pública: potencializando a produção de novos sentidos. In: MEIRA; ANTUNES. Psicologia Escolar: praticas criticas. São Paulo: Casa do Psicólogo,2003. pág. 87-103.

ARAÚJO, Mairce da Silva & PERÉZ, Carmen Lúcia Vidal (2006) “Jogos de luz e sombras: lógicas de ação no cotidiano escolar” (On-line) Available; (disponível) http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000300007&lng=pt&nrm=iso

AQUINO, Julio Groppa “Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas” – 4º ed. - São Paulo: Summus, 1996.

BERNARD, Charlot (2000). “A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam esta questão” (on-line) Available; (disponível) http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222002000200016&lng=pt&nrm=iso

FREITAS, Lia Beatriz de Lucca (2002). “Piaget e a consciência moral: um kantismo evolutivo?” (On-line) Available; (disponível) http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000200008

JOENK, Inhelora Kretzschmar (2008). Uma Introdução ao Pensamento de Vygotsky. www.periodicos.udesc.br/linhas/ojs/include/getdoc.php?id=95&article=87&mode=pdf. Acesso em 26/11/2008

MARIN, Alda Junqueira. Com o olhar nos professores: Desafios para o enfrentamento das realidades escolares. *Cad. CEDES*, Abr 1998, vol.19, no.44, p.8-18

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky. Aprendizado e Desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

PIAGET, Jean “Seis estudos de psicologia”; tradução Maria Alice Magalhães D’Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva – 24º ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

PIAGET, Jean. “ O juízo moral na criança”; tradução Elzon Lenardon – 2ª ed. – São Paulo: Summus, 1994.

REGO, Teresa Cristina. Configurações Sociais e Singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos. In: OLIVEIRA; SOUZA; REGO (org.). Psicologia, Educação e Temáticas da Vida Contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002. pág. 47-76.

SAVIANI, Demerval. Teorias da educação e o problema da marginalidade. In: Escola e Democracia. São Paulo: Editores Associados, 2003 (38ª. ed.) pág. 03-34.

SILVA, Maria Preciosa & NEVES, Isabel Pestana. Compreender a (in)disciplina na sala de aula: uma análise das relações de controlo e de poder. *Rev. Port. de Educação*, 2006, vol.19, no.1, p.5-41

SOUZA, Beatriz P. Professora desesperada procura psicólogo para classe indisciplinada. In: MACHADO; SOUZA (org.). Psicologia Escolar> em busca de novos rumos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004 (4ª. ed.) pág 105-112

TANAMACHI, Elenita; MEIRA, Marisa. A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em Psicologia e Educação. In: MEIRA; ANTUNES. Psicologia Escolar: praticas criticas. São Paulo: Casa do Psicólogo,2003. pág 11-62

TULESKI, Silvana C. et al. Voltando o olhar para o professor: a psicologia e pedagogia caminhando juntas. *Rev. Dep. Psicol.,UFF*, Jun 2005, vol.17, no.1, p.129-137

ZACHARIAS, Vera Lúcia Camara. *Vygotsky e a Educação*. Disponível em <http://www.centrorefeducacional.pro.br/vygotsky.html>. Acesso em 23/09/08.